

RICARDO MALTA

ESPIRITISMO NOTAS GERAIS

*O sistema fideísta escraviza, mas a fé
iluminada pela razão liberta*

Lauro de Freitas - Bahia

2012

<http://estudofilosoficoespirita.blogspot.com.br/>

Índice

Introdução	2
Capítulo 1	4
Capítulo 2	14
Capítulo 3	20
Capítulo 4	43
Capítulo 5	63
Capítulo 6	73
Capítulo 7	77
Capítulo 8	87
Capítulo 9	96
REFERÊNCIAS	108

Introdução

A presente obra não é um curso de Espiritismo. O objetivo é despertar no leitor o interesse pelo estudo espírita. Para tanto, sem descuidar das bases Kardequianas, expomos conceitos e princípios gerais que norteiam todo o arcabouço doutrinário.

Trata-se de uma breve exposição, a fim de trazer ao neófito um panorama geral da doutrina espírita. Valemo-nos de referenciais consagrados, tais como José Herculano Pires, Leon Denis, Gustave Geley, entre outros. Com isso, expomos inúmeras citações, sempre no intuito de esclarecer temas e apresentar ao iniciante os autores clássicos do Espiritismo.

Que o principiante espírita encontre nesta breve exposição o ponto de partida para *mergulhos* mais profundos, este é o nosso sincero

desejo. Feitas essas considerações introdutórias, convidamos você, nobre leitor, ao mundo da fé raciocinada.

Capítulo 1

Conceito

“Todos falam de Espiritismo, bem ou mal. Mas poucos o conhecem. [...] O Espiritismo, nascido ontem, nos meados do século passado, é hoje o grande desconhecido dos que o aprovam e o louvam e dos que o atacam e criticam.”¹

De fato, existe uma grande confusão que impera entre os leigos e, não raro, por entre aqueles que se dizem espíritas. Em breves linhas buscaremos dirimir essa problemática. Contudo, antes de adentrarmos na conceituação de Espiritismo, convém estabelecer pontos preliminares.

No Espiritismo NÃO há: rituais, simbologias, imagens, acessórios místicos,

¹ J. Herculano Pires. Curso dinâmico de Espiritismo. ed. Paidéia. 2000. p. 1

sacerdócio organizado, líderes, incensos, defumadores aromáticos, banho de folhas, amuletos, talismãs, cristais, tarô, rezas mecânicas, velas, etc. Desta forma, onde houver algum desses itens listados, dentre outros apetrechos similares, **NÃO** há Espiritismo.

O que o Espiritismo NÃO se presta a fazer: feitiçarias, magias, simpatias, amarrações, milagres, adivinhações e previsões do futuro, leitura de mão, cobrança de dinheiro, entre outras fantasias e práticas infundadas. Portanto, onde houver a prestação desses “serviços”, dentre outros similares, **Não** há Espiritismo.

Feitas essas considerações iniciais, cumpre-nos definir **O QUE É** o Espiritismo. Podemos conceituá-lo como o “sistema de conhecimentos que revela a natureza espiritual do

ser humano, sua realidade interexistencial e o processo de sua evolução.”²

Analisemos esse conceito, proposto pelo Dr. Zalmir Zimmermann, resumidamente, *in verbis*:

a) Espiritismo é “**o sistema de conhecimentos...**” – expressa uma totalidade ordenada de conhecimentos reciprocamente articulados e interdependentes, indissociável, pois, em suas partes; (op. cit. p. 13)

b) Espiritismo é “o sistema de conhecimentos **que revela...**” – é o resultado da manifestação coletiva dos Espíritos; não através de um ou poucos instrumentos humanos encarnados, mas de uma quantia inumerável de médiuns. Não tem característica local nem se dirige a uma comunidade específica. Ao contrário, é marcadamente caracterizada por sua

² Zalmir Zimmermann. Espiritismo - Século XXI. ed. Allan Kardec. 2011. p.13

universalidade. Não só se manifestou – e se manifesta – através de médiuns de todo o mundo, como se dirige a todos os povos, de todas as culturas, contribuindo para o avanço do processo civilizacional; (op. cit. p.19)

c) Espiritismo é “o sistema de conhecimentos que revela **a natureza espiritual do ser humano...**” – Esclarece a doutrina espírita que a essência humana é imaterial, que o ser humano é, substancialmente, uma alma, extraordinário complexo psíquico em evolução, matriz e sede de toda atividade mental; uma “centelha de luz”, a refletir a Luz Divina; (op. cit. p.21)

d) Espiritismo é “o sistema de conhecimentos que revela a natureza espiritual do ser humano, **sua realidade interexistencial...**” – [...] imerso na dimensão física, interage com o mundo espiritual e, desencarnado, liga-se contínua e estreitamente ao mundo físico. Compreende-se,

então, que, na verdade, o existir é um interexistir. Existimos nas dimensões física e espiritual, simultaneamente. O ser humano é um ser espiritual e interexistente; (op. cit. p.25)

e) Espiritismo é “o sistema de conhecimentos que revela a natureza espiritual do ser humano, sua realidade interexistencial e o **processo de sua evolução**”. – a evolução do ser humano acontece pelo processo de reencarnação e sob o impulso da Lei de Causalidade Espiritual. (op. cit. p. 28)

Oportuno destacar a clássica definição de Allan Kardec: “o Espiritismo é, ao mesmo tempo, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica, como ciência prática ele consiste nas relações que se estabelecem entre nós e os Espíritos;

Como filosofia compreende todas as conseqüências morais que dimanam dessas mesmas relações.”³

Em apertada síntese, portanto, podemos dizer que o Espiritismo é um sistema de conhecimentos ou doutrinário que possui tríplice aspecto: Ciência, Filosofia e Religião.

O Espiritismo é ciência porque, à luz da razão e de critérios lógicos e metodológicos, demonstra experimentalmente a existência da alma e sua imortalidade, principalmente através do intercâmbio mediúnico entre os encarnados e desencarnados; É filosofia porque, a partir dos fenômenos e dos fatos, dá uma interpretação da vida, explicando o porquê das dores, dos sofrimentos e

³ Allan Kardec. O que é o Espiritismo. ed. FEB. Rio de Janeiro. 1993. p. 50

das desigualdades entre as criaturas. ⁴

Merece destaque estabelecer que o aspecto religioso aqui em nada se assemelha ao conceito ancestral de religião. “O Espiritismo não

“Doutrina séria, que deve ser estudada com o devido recolhimento, regularidade e continuidade”

pode ser considerado religião, no sentido comum, isto é, como culto instituído e formal, com templo ou

igreja, imagens, rituais, hierarquia sacerdotal, dogmas, mitos e credences.” ⁵ A religião espírita deve ser entendida como aquela **em espírito e em verdade** de que nos falou Jesus (João 4-24), o sentimento divino, consoante as palavras de Emmanuel.

O Espiritismo nasceu na França, em meados do século 19, com o advento de *O Livro dos*

⁴ Christiano Torchi, Espiritismo passo a passo com Kardec, ed. FEB, Rio de Janeiro, 2009, p. 114

⁵ Christiano Torchi, Espiritismo passo a passo com Kardec, ed. FEB, Rio de Janeiro, 2009, p. 129

Espíritos, publicado em Paris, no dia 18 de Abril de 1857. Conforme já dito, trata-se de uma doutrina de autoria coletiva e universal. Seus verdadeiros autores formam uma equipe de Espíritos superiores coordenados pelo Espírito de Verdade, bem como pela presidência do próprio Jesus (ESE. Cap. 1. Item 7). Foram milhares de comunicações espontâneas recebidas em diversos pontos do mundo, ao mesmo tempo, por inúmeros médiuns, em grupos distintos, e desconhecidos entre si. Neste ínterim, nasceu o rigoroso método do *controle universal do ensino dos Espíritos* (CUEE), que tem suas bases delineadas na introdução de *O Evangelho segundo o Espiritismo*.

Doutrina séria, que deve ser estudada com o devido recolhimento, regularidade e continuidade (L.E, Introdução, VIII). Não compactua com futilidades, seu objetivo é auxiliar os encarnados no processo evolutivo, ou seja, “a razão do Espiritismo é o ser humano e a lógica do seu movimento social é a transformação da pessoa, através da mudança de idéias, da renovação de

sentimentos e das atitudes. É uma proposta revolucionária e não reformista.”⁶

Não há espaço para dogmatismos religiosos, imposições e proibições absurdas, proselitismos, etc. Enfim, “O Espiritismo não procura ninguém; não se impõe a ninguém. Limita-se a dizer: Eis-me aqui, eis o que sou, eis o que trago; os que julgam precisar de mim, que se aproximem; os outros, que permaneçam em suas casas; não lhes vou perturbar a consciência, nem injuriá-los. Apenas lhes peço reciprocidade.”⁷

Seus postulados estão inseridos nas cinco obras basilares da codificação espírita: O Livro dos Espíritos (LE. 1857), O Livro dos Médiuns (LM. 1861), O Evangelho segundo o Espiritismo (ESE. 1864), O Céu e o Inferno (CI. 1865) e A Gênese (GE. 1868). Entre seus princípios elementares, destacamos: existência de Deus, sobrevivência e

⁶ Dalmo Duque. Nova História do Espiritismo. ed. Do Conhecimento. 2010. p. 338

⁷ Allan Kardec. Viagem espírita em 1862 e outras viagens de Kardec. ed. FEB. Rio de Janeiro. 2007

comunicabilidade dos Espíritos, reencarnação como processo educativo de evolução espiritual e pluralidade dos mundos habitados.

Capítulo 2

Espiritismo e espiritualismo

Entender a distinção existente entre Espiritismo e espiritualismo é *condicion sine qua non* para a boa compreensão da matéria. Já tivemos

“todo espírita é necessariamente espiritualista, mas nem todos os espiritualistas são espíritas.”

a oportunidade de estabelecer aquilo que não pertence à doutrina espírita e as práticas que ela também não corrobora. Aqui, contudo, iremos deslindar melhor o tema.

Na introdução de *O Livro dos Espíritos*, Allan Kardec elucida que “o espiritualismo é o oposto do materialismo. Quem quer que acredite haver em si alguma coisa mais do que matéria, é

espiritualista”. (L.E, Introdução, Item I) Portanto, podemos dizer que todas as religiões são espiritualistas (catolicismo, protestantismo, umbandismo, etc.). O espiritualismo é o gênero do qual o Espiritismo é uma espécie bem definida, que não se confunde com as demais. Diz-se que “todo espírita é necessariamente espiritualista, mas nem todos os espiritualistas são espíritas.”⁸

Neste ínterim, explica com propriedade Christiano Torchi:

Todo aquele que professa uma crença religiosa, seja ela qual for, é espiritualista, mas só é espírita aquele que se esforça por estudar, compreender, assimilar e vivenciar os princípios da Doutrina Espírita em sua pureza, tais como os Espíritos Superiores nos ensinaram,

⁸ Allan Kardec. O que é o Espiritismo. ed. FEB. Rio de Janeiro. 1993. p. 67

por meio das obras codificadas por Allan Kardec.

(...) De fato, não há outro Espiritismo senão o codificado por Allan Kardec, conforme exposto em O Livro dos Espíritos e demais obras básicas. Não há baixo nem alto Espiritismo, muito menos Espiritismo Kardecista ou de mesa branca, Espiritismo de terreiro, entre outras terminologias inadequadas. Tais expressões permitem a falsa noção de que existe mais de uma Doutrina Espírita, o que é inaceitável.

(...) Portanto, ninguém está autorizado a acrescentar-lhe qualquer qualificativo ou designação, pois não existe outro Espiritismo. Tudo que estiver em

desacordo com a Codificação não é Espiritismo.⁹

É comum a conduta de apropriação indevida dos termos “espírita” e “Espiritismo”. A ignorância é desculpável, mas a má-fé nos causa indignação. Há quem utilize esses termos com finalidades mercantilistas. Em regra, são pessoas que ficam expostas nos jornais e panfletos em busca de clientela ávida pelos seus “serviços”. Outros, todavia, apenas buscam criar confusões terminológicas a fim de ludibriar os neófitos ingênuos. É o que ocorre com os líderes religiosos fanáticos, aqueles que têm receio de perder o precioso (e lucrativo) rebanho.

A mediunidade - conforme veremos melhor em momento oportuno - é uma disposição orgânica. Existe desde os primórdios da humanidade, sendo uma faculdade natural do ser humano. Pelo simples fato do indivíduo ser médium

⁹ Christiano Torchi. Espiritismo passo a passo com Kardec. ed. FEB. Rio de Janeiro. 2009. p. 37, 38, 39 e 41

ostensivo não o qualifica como adepto do Espiritismo. Também não é pelo fato de acreditar em “vida após a morte” ou “reencarnação” que fará de alguém um espírita. Já dissemos que o Espiritismo possui suas bases delimitadas no *Pentateuco Kardeciano*. Só poderá ser considerado espírita “aquele que se esforça por estudar, compreender, assimilar e vivenciar” os seus princípios.

Devemos ter enorme cautela com relação a determinadas obras ditas psicografadas. Uma “enxurrada” de livros anti-doutrinários invade o mercado editorial espírita. São mensagens que propagam teorias apocalípticas sem fundamento, receitas ritualísticas, cerimônias extravagantes, simpatias e tantas outras bobagens. Atente-se para a advertência escrita em *O Livro dos Médiuns*: **“Em geral, desconfiai das comunicações que tenham caráter de misticismo e estranheza ou que prescrevam cerimônias e atos extravagantes; Há sempre, nesses casos, um**

motivo legítimo de suspeita”. (LM, Cap. 41, Item 27)

Queremos apenas alertar que existe muito espiritualismo se passando por Espiritismo. O estudioso atento não se deixa iludir com o *lobo transvertido de cordeiro*.

Capítulo 3

Princípios básicos

3.1 Existência de Deus

Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas. (L.E, Q.1)

Não podemos conceber, em pleno século XXI, a imagem de um Deus antropomórfico, isto é, um ser humanóide geralmente personificado na imagem de um velhinho sisudo, de barbas longas e com um cajado nas mãos. As religiões ancestrais limitaram a divindade a ponto de transformá-la nesse ser estereotipado. Ainda existem aqueles que afirmam, ingenuamente, que Deus habita nas igrejas. Esquecem que o “*Deus que fez o mundo e tudo que nele há, sendo Senhor do céu e da terra,*

não habita em templos feitos por mãos de homens.” (Atos 17:24)

O ateísmo se faz justo com essa imagem primitiva do Criador. Não podemos negar que essa teologia medieval colaborou muito para a proliferação da descrença. Voltaire, o filósofo iluminista, afirmou que não acreditava no Deus que os homens criaram, mas no Deus que criou os homens. Com razão ele fez tal afirmativa, da qual o Espiritismo apóia, pois a causa primária de todas as coisas não poderia ser essa figura limitada e pintada pelos teólogos.

A visão espírita, descrita na primeira questão de *O Livro dos Espíritos*, é, talvez, a melhor concepção que podemos ter do Criador. Falta-nos a percepção necessária para defini-Lo com maior exatidão, sendo toda tentativa nesse sentido infrutífera. Ora, como poderá o limitado definir aquilo que é ilimitado? Inconcebível. “Crede-me,

não vades além. Não vos percais num labirinto donde não lograríeis sair.” (L.E, Q.14)

Deus não é uma forma humana, não é uma figura mitológica, não é um símbolo. Deus é a realidade fundamental, a Inteligência suprema, a fonte de que surgem todas as coisas, assim como da inteligência finita do homem surgem as coisas que constituem o seu mundo finito. Não é possível dar forma a Deus, limitá-lo, restringi-lo, dominá-lo pela nossa razão, como não é possível dar forma à nossa própria inteligência.¹⁰

¹⁰ J. Herculano Pires. O Espírito e o Tempo. ed. Paidéia. São Paulo. 2009. p. 98

Entretanto, observando suas obras, inscritas no próprio universo cósmico, conseguimos

“O espiritualismo simplório e o materialismo atrevido são os dois pólos da estupidez humana”

ter uma idéia de seus atributos. Por isso, a doutrina espírita nos ensina que só podemos

conceber Deus: *eterno, infinito, imutável, imaterial, único, onipotente, soberanamente justo e bom. (L.E, Q.13)*

De fato, *o espiritualismo simplório e o materialismo atrevido são os dois pólos da estupidez humana* – afirmou J. Herculano Pires. Claro, negar o Deus criado pelos teólogos é aceitável, mas negar a existência de uma inteligência cósmica que preside todo o universo é, no mínimo, faltar com o bom senso.

Extraímos a certeza da existência de Deus num axioma lógico: *Não há efeito inteligente sem*

uma causa inteligente, e a grandeza do efeito corresponde à grandeza da causa.

Não conseguimos – até mesmo por questão de lógica e bom senso - imaginar que o universo seja obra do acaso. “Viu-se alguma vez o arremesso ao acaso das letras do alfabeto produzir um poema? E que poema o da vida universal! [...] Inconscientes e cegos, os átomos não poderiam tender a um fim. Só se explica a harmonia do mundo pela intervenção de uma vontade.”¹¹

Com sabedoria, diz Allan Kardec:

A existência do relógio atesta a existência do relojoeiro; a engenhosidade do mecanismo lhe atesta a inteligência e o saber. Quando um relógio vos dá, no momento preciso, a indicação de

¹¹ Leon Denis. Depois da morte. ed. FEB. Rio de Janeiro. 2005, p. 116

que necessitais, já vos terá vindo à mente dizer: aí está um relógio bem inteligente? Outro tanto ocorre com o mecanismo do Universo: **Deus não se mostra, mas se revela pelas suas obras.** (GE, Cap.2, Item 6)

Ora, torna-se impossível aceitar que a dança cega dos átomos seja capaz de compor esse poema cósmico de que nos fala o ilustre filósofo Leon Denis. Aliás, nas palavras de Herculano Pires, "as coisas evidentes se impõem pela própria evidência. Não podemos negar a existência de Deus, porque como dizia Descartes, isso equivale a negar a existência do sol em nosso sistema planetário." ¹²

Resta evidente que “Deus existe; disso não podeis duvidar e é o essencial” (L.E, Q.14). Assim, conforme Voltaire, podemos também declarar: *Morro adorando a Deus!*

¹² J. Herculano Pires. O Espírito e o Tempo. ed. Paidéia. São Paulo. 2009. p. 266 e 267

3.2 Sobrevivência e comunicabilidade dos Espíritos

Exatamente por ser um fenômeno natural o intercâmbio mediúnico se faz presente desde os primórdios da humanidade. Encontramos registros em todas as épocas, presente nas mais diversas culturas e tradições. Ao compulsar os livros sagrados, os escritos dos filósofos, inúmeros romances clássicos, a opinião dos sábios da antiguidade etc., torna-se possível confirmar que a relação com o invisível é de todos os tempos e lugares. Corroborando com esse entendimento, diz Leon Denis:

Certas pessoas consideram, mas sem razão, a mediunidade um fenômeno peculiar aos nossos tempos. A mediunidade, realmente, é de todos os séculos e de todos os países. Desde as idades mais remotas existiram relações entre a

Humanidade terrestre e o mundo dos Espíritos. Se interrogarmos os Vedas da Índia, os templos do Egito, os mistérios da Grécia, os recintos de pedra da Gália, os livros sagrados de todos os povos, por toda parte, nos documentos escritos, nos monumentos e tradições, encontraremos a afirmação de um fato que tem permanecido através das vicissitudes dos tempos.”¹³

Neste mesmo sentido, com maiores detalhes, encontramos na lavra psicográfica de Francisco Candido Xavier, numerosos antecedentes históricos, *in verbis*:

Acena-nos a antigüidade terrestre com brilhantes manifestações mediúnicas, a repontarem da História. Discípulos de Sócrates referem-se, com admiração e

¹³ Leon Denis, No invisível, ed. FEB, Rio de Janeiro, 2010, p.97

respeito, ao amigo invisível que o acompanhava constantemente. Reporta-se Plutarco ao encontro de Bruto, certa noite, com um dos seus perseguidores desencarnados, a visitá-lo, em pleno campo. Em Roma, no templo de Minerva, Pausânias, ali condenado a morrer de fome, passou a viver, em Espírito, monoideizado na revolta em que se alucinava, aparecendo e desaparecendo aos olhos de circunstantes assombrados, durante largo tempo. Sabe-se que Nero, nos últimos dias de seu reinado, viu-se fora do corpo carnal, junto de Agripina e de Otávia, sua genitora e sua esposa, ambas assassinadas por sua ordem, a lhe pressagiarem a queda no abismo. Os Espíritos vingativos em torno de Calígula eram tantos que, depois de lhe

enterrarem os restos nos jardins de Lâmia, eram ali vistos, freqüentemente, até que se lhe exumaram os despojos para a incineração.¹⁴

Mais adiante, completa:

Apenas há alguns séculos, vimos Francisco de Assis exalçando-a em luminosos acontecimentos; Lutero transitando entre visões; Teresa d'Ávila em admiráveis desdobramentos; José de Copertino levitando ante a espantada observação do papa Urbano VIII, e Swedenborg recolhendo, afastado do corpo físico, anotações de vários planos espirituais que ele próprio filtra para o conhecimento humano,

¹⁴ Francisco Cândido Xavier; Waldo Vieira, Mecanismos da mediunidade. Pelo Espírito Andre Luiz. ed. FEB. Rio de Janeiro. 2010. P. 15

segundo as concepções de sua época. (Op. cit. p.17 e 18)

No Brasil, entre tantos médiuns de destaque, notabilizou-se Carlos Mirabelli. Vejamos:

A mediunidade de Mirabelli foi esplêndida, ele psicografou em vinte e oito idiomas, dentre eles: Chinês, árabe, russo, grego, catalão, latim, aramaico, persa, japonês e caldeu e enquanto escrevia, conversava em outro idioma. Em transe falou em vinte e seis línguas distintas.¹⁵

Na Inglaterra, entra para história **Daniel Douglas Home** que, na opinião de Artur Conan Doyle, foi o maior médium de efeitos físicos que o mundo já conheceu; Na Itália, sobressai a médium **Eusápia Paladino** que foi submetida aos estudos científicos de Alexander Aksakof, Charles Richet, Césare Lombroso, entre outros eminentes nomes da

¹⁵ Nemer Ahmad. Psicografia: O novo olhar da justiça. ed. Aliança. São Paulo. 2008. P.65

época; Outra notável mediunidade foi exercida pela inglesa **Florence Cook**, que foi capaz de convencer o renomado cientista Sir. William Crookes da realidade dos fenômenos; O médium baiano **Divaldo P. Franco** que possui atualmente mais de 200 livros psicografados, destacando-se as obras de psicologia transpessoal; Não podemos deixar de citar **Francisco Cândido Xavier** que psicografou 412 livros dos mais variados temas (poemas, ciência, filosofia, religião, etc.).

Seria possível selecionar inúmeros antecedentes históricos e mais dezenas de médiuns notáveis, no entanto, esse não o objetivo específico do presente trabalho. Pretendemos apenas demonstrar que o fato mediúnico, justamente por ser um evento natural, e não o produto de um dogma religioso, também encontra sua comprovação na própria história da humanidade.

3.3 Reencarnação como processo educativo de evolução e pluralidade dos mundos habitados

“A reencarnação, longe de ser um fenômeno de crença, muito menos um instrumento de punição divina, trata-se de um processo educativo para o desenvolvimento espiritual.” (Adenáuer Novaes)

A reencarnação não é um processo punitivo. De fato, “reencarna-se para aprender, para educar-se, para crescer, a partir de novos elementos, de uma nova oportunidade, num novo ambiente, onde se possa construir ou reconstruir sua própria elevação espiritual.”¹⁶

Vivemos numa grande escola. Retornamos ao envoltório carnal na condição de aprendizes, alunos em busca de novos

¹⁶ Adenáuer Novaes. Reencarnação-Processo Educativo. ed. Fundação Lar Harmonia. Salvador. 2003, p. 80

conhecimentos. Repetimos tarefas outrora mal acabadas, pois “o processo de aprendizagem se dá também por repetição e revisão das lições. A experiência repetida significa a mesma lição ainda não aprendida” (op.cit.p. 87)

O aprendizado exige esforço, dedicação e, não raro, causa-nos uma espécie sofrimento. Mas esse é o caminho natural que deve ser traçado pelo

“Vivemos numa grande escola. Retornamos ao envoltório carnal na condição de aprendizes, alunos em busca de novos conhecimentos.”

estudante. Não há como adquirir conhecimento sem esforço. Quem deseja passar num concurso público não espera facilidades, sabe que terá que abdicar de muitos momentos de lazer, mas também reconhece que há um objetivo maior para ser conquistado. Isso ocorre com o graduando, mestrando, doutorando, etc. Enfim, porque haveria de ser diferente com o aluno matriculado na escola terrestre?

A justiça se processa de forma a educar o espírito. Nunca no sentido de puni-lo, mas de educá-lo. A reencarnação é um processo educativo. É comum dizer-se que o espírito reencarnou para “pagar”, pois quem deve tem que pagar. Tal afirmação deve ser entendida no seu sentido figurado. A “dívida” deve ser entendida como ausência de conhecimento, isto é, desconhecimento em relação às leis de Deus. O entendimento deve ser de que, se o espírito, por exemplo, odeia, ele desconhece a lei do Amor. Reencarna, portanto, para viver experiências que o façam aprender aspectos que o levem ao conhecimento da respectiva lei. ‘Divida’ e ‘Resgate’ são expressões simbólicas de nossa ignorância às leis de Deus. (op.cit. 78 e 79)

Ninguém deseja sofrer, nada mais natural do que a busca pelo bem estar. Parece-nos uma espécie de “pressentimento” ou “intuição” de que algo maior nos espera. O Espírito guarda a certeza íntima de existências mais felizes, que serão conquistadas mediante o esforço incessante de evolução.

Será por acaso a existência de tsunamis, terremotos, furacões, etc.? Não. Tudo tem um objetivo específico. “Há métodos educativos coletivos, os quais visam alcançar grupos de espíritos necessitados de um mesmo aprendizado. A humanidade, por vezes, atravessa processos educativos coletivos, cujo planejamento pertence a instâncias superiores e visam dar novo ritmo ao planeta” (op.cit. 92)

Qual a filosofia espiritualista ou religião capaz de explicar, racionalmente, pela teologia da existência única, por exemplo, as desigualdades sociais, as desigualdades de aptidões, a existência de crianças que já nascem com deficiências físicas e

mentais, o motivo da dor e do sofrimento, a morte de um nascituro ou de uma criança em tenra idade, a saúde para uns e a doença para outros, etc.? Nenhuma delas é capaz de responder essas e outras complexidades da vida humana. Só existe justiça divina com a reencarnação!

A respeito da moral Paligenésica, elucidada, com razão, o metapsiquista Gustave Geley:

Se, no decurso da sua evolução, na série das suas vidas sucessivas, o ser é o produto de suas próprias ações e reações, segue-se que a sua inteligência, o seu caráter, as suas faculdades, os seus bons ou maus instintos são obra sua e cujas conseqüências terá de sofrer, infalivelmente. Todos os seus atos, trabalhos, esforços, angústias, alegrias e sofrimentos, erros e culpas têm repercussão fatal e reação inevitável, numa ou noutra

de suas existências. Assim, não há qualquer necessidade de julgamento divino, nem de sanções sobrenaturais.¹⁷

Como são perfeitas as leis divinas! A doutrina da reencarnação é fantástica, é a peça que faltava no “quebra-cabeça”. Como é bom saber que Deus não é temor, e sim que é Amor, Misericórdia, Bondade, Justiça, enfim: Perfeição absoluta.

Nada de penas eternas, punições ou castigos macabros. Também não há ociosidade entediante do céu teológico infantil. Tudo é trabalho, progresso, evolução incessante! Não existem eleitos e excluídos: há seres em constante ascensão.

A reencarnação, se bem compreendida, constitui um valioso mecanismo de progresso da humanidade. A vida, diante da visão reencarnacionista, passa a ter um objetivo maior.

¹⁷ Gustave Geley. Resumo da doutrina espírita. ed. LAKE. São Paulo. 2009, p.147

Estamos (re)encarnados a fim de evoluir no campo intelecto-moral, o egoísmo cede lugar à caridade, compreende-se, por conseqüência, conforme a expressão de Leon Denis, o problema do ser, da dor e do destino: Tudo é aprendido.

Não são as vicissitudes (dor, doença, sofrimento, etc.) da vida, em si mesmas, que nos fazem crescer espiritualmente, mas nossas atitudes positivas diante delas. Podemos nos resignar (não confundir com conformismo) e lutar para superar as provas e expiações ou passar toda uma encarnação blasfemando contra a divindade. Na primeira situação, haverá evolução; na segunda hipótese, o ser permanece estacionado na escala ascensional e, provavelmente, passará por situações análogas, ou mais complexas, até que o aprendizado seja verdadeiramente auferido.

Resta evidente que somos os verdadeiros responsáveis pelo nosso destino, iremos colher em existências futuras aquilo que estamos semeando

agora: “Se você prefere sofrer a ser alegre, o universo obedecerá com todo prazer.”¹⁸

*

As encarnações não se dão exclusivamente no orbe terrestre. Há muitas moradas na casa do Pai, segundo as palavras de Jesus. A constituição física dos habitantes, por óbvio, não é a mesma em todos os mundos, embora a forma humana seja análoga.

“As encarnações não se dão exclusivamente no orbe terrestre. Há muitas moradas na casa do Pai, segundo as palavras de Jesus.”

Como consequência lógica, há mundos em diferentes estágios evolutivos. O progresso espiritual faculta à ascensão do Espírito para mundos mais felizes e menos materiais.

¹⁸ Lou Marinoff. Pergunte a Platão. ed. Record. Rio de Janeiro. 2010. p. 154

A terra ainda se encontra entre os mundos de provas e expiações, daí os sofrimentos existentes. Contudo, a própria evolução do homem já constitui um mecanismo de desenvolvimento planetário. É o reino de Deus que um dia será implantado na terra.

“No mundo tereis aflições” – disse o Mestre nazareno – *“mas tende bom ânimo; eu venci o mundo.”* (João 16:33) Chegará o momento em que nós também iremos dizer: Eu venci o mundo! Mas para que isso se concretize é “indispensável a luta para tornar possível o triunfo e fazer surgir o herói.”¹⁹

*

Não podemos deixar de registrar que, assim como o fenômeno mediúnico, a reencarnação vem sendo estudada cientificamente ao redor do mundo por inúmeros cientistas de renome

¹⁹ Leon Denis. O problema do ser do destino e da dor. ed. FEB. Rio de Janeiro. 2009. p. 399

internacional. As provas e evidências são abundantes.

Destacamos: A Dra. Maria Teodora, psiquiatra, presidente da Sociedade Brasileira de Terapia de Vidas Passadas. Dr. Brian L. Weiss, autor de *Muitas Vidas – Muitos Mestres*, renomado psiquiatra americano e estudioso da área da Terapia de Vidas Passadas (TVP). Na Inglaterra, o Dr. Alexander Cannon, diplomado em nove universidades européias, comanda uma equipe de 70 psiquiatras e psicólogos especialistas em TVP. Na França, o cientista Dr. Patrick Drouot, autor de *Reencarnação e imortalidade*. Na Alemanha, o Dr. Thorwald Dethlefsen, da universidade de Munique, é autor de *A Regressão a Vidas Passadas como Método de Cura e o Desafio do Destino*. A ilustre psicóloga americana Dra. Helen Wambach, autora de *Recordando Vidas Passadas*.²⁰

²⁰ José Reis Chaves. *A Reencarnação na Bíblia e na Ciência*. ebm editora. São Paulo. 2006. p. 151-153

Sobressaem os estudos do Dr. Ian Stevenson, neuropsiquiatra, autor do clássico *Vinte Casos que Sugerem a Reencarnação*. Tem-se, ainda, o Dr. Handrema Nath Banerjee, que informa: “A criatura humana é portadora de duas memórias, a genética, que é a memória cerebral, e a extracerebral, que não é genética, mas a memória espiritual das experiências de outras vidas” ²¹

Não iremos além, pois a lista é extensa. Para uma análise mais profunda do tema, indicamos a obra *Reencarnação – Processo Educativo*, do psicólogo Adenáuer Novaes.

²¹ Divaldo Franco. Um encontro com Jesus. Leal. Salvador. 2007. p .210

Capítulo 4

Fenomenologia mediúnica

A mente, segundo o Dr. J.B Rhine, não é física. As modernas pesquisas no campo dos fenômenos *théta* demonstram essa realidade. Sustenta Wathely Caringthon que “a mente é uma estrutura psicônica, formada de átomos mentais, e depois da morte do corpo pode comunicar-se com as mentes encarnadas”.²²

Hermínio c. Miranda, em análise aos estudos de J. B. Rhine, afirma:

Nesta mesma linha de raciocínio, vamos encontrar até homens do calibre do Dr. J. B. Rhine que, num

²² José Herculano Pires. O espírito e o tempo. ed. Paidéia. São Paulo. 2009. p. 335

livro a ser analisado, nos assegura estas coisas muito sérias:

- 1) Que há no homem um princípio não-físico (a que nós chamaríamos logo de Espírito);
- 2) Que essa mesma criatura humana é dotada de certa percepção psíquica, a que ele chama extra-sensorial;
- 3) Que a aludida capacidade de percepção não está subordinada às limitações de espaço nem às de tempo, pois que já se demonstrou cientificamente a existência da telepatia – que transcende o espaço, e a de presciência – que extravasa os limites do tempo.

Qual a conclusão óbvia que daí decorre? Não é preciso ser nenhum gênio, habituado às lides filosóficas

e aos imperativos da lógica, para descobri-la. Basta ter bom senso. Se há no homem um princípio imaterial que escapa ao domínio do tempo e do espaço, não é filosoficamente perfeita a conclusão de que esse princípio (Espírito) sobrevive à morte do corpo físico? ²³

No que tange ao mecanismo que rege o fenômeno mediúnico de efeitos intelectuais, assevera J. Herculano Pires:

Tudo se passa no plano das emissões energéticas, das conotações por afinidade psicológica, das relações naturais, entre dois dínamos-psíquicos (segundo a expressão de Gustave

²³ Hermínio C. Miranda. Sobrevivência e Comunicabilidade dos Espíritos. ed. FEB. Rio de Janeiro. 2002. p. 142

Geley) aptos a um processo indutivo no campo energético.²⁴

Seguindo os passos de Herculano, pode-se dizer, objetivamente, que o intercâmbio mediúnicos dá-se mediante uma perfeita sintonia psíquica entre as mentes encarnadas e desencarnadas que, mediante uma forte indução, as vibrações psíquicas do Espírito atingem o corpo energético (*perispírito ou psicossoma*) do médium, provocando uma empatia entre ambos, estabelecendo-se a comunicação mental que aqui denominamos de fenômeno mediúnico.

Em outro momento, melhor explica J. Herculano Pires:

O Ato mediúnico é o momento em que o espírito comunicante e o médium se fundem na unidade psico-afetiva da comunicação. O espírito aproxima-se do médium e o

²⁴ José Herculano Pires. O espírito e o tempo. ed. Paidéia. São Paulo. 2009. p. 338

envolve nas suas vibrações espirituais. Essas vibrações irradiam-se do seu corpo espiritual atingindo o corpo espiritual do médium. A esse toque vibratório, semelhante ao de um brando choque elétrico, reage o perispírito do médium. Realiza-se a fusão fluídica. (...) O que se dá não é uma incorporação, mas uma interpenetração psíquica, como de uma luz atravessando uma vidraça.²⁵

Por sua vez, o Dr. Zalmmino Zimmermann nos informa que a ação do perispírito varia de acordo com o tipo de fenômeno mediúnic, por exemplo: (i) No desdobramento o perispírito se desprende e se desloca; (ii) Na vidência e na audiência é a expansibilidade do perispírito que torna possível a captação de impressões visuais e

²⁵ Herculano Pires. Mediunidade. ed. Allan Kardec. São Paulo. 1992. p. 37

auditivas oriundas do plano espiritual, (...) que, aliás, independe do “sentido físico da vista”, uma vez que é comum “o médium ver de olhos fechados”.²⁶

Observe-se que nada há de sobrenatural ou maravilhoso no âmbito da fenomenologia mediúnica. Não estamos diante de uma explicação mística ou apoiada em credices populares. Após Allan Kardec, inúmeros outros cientistas e sábios de renome internacional levaram a efeito os estudos espiritistas no campo científico e filosófico. Destacam-se os trabalhos de William Crookes, Russel Wallace, Gabriel Delanne, Ernesto Bozzano, Alexandre Aksakof, Gustave Geley, Friedrich Zöllner, Hernani Guimarães, Leon Denis, J. Herculano Pires, Zalmino Zimmermann, Carlos de Brito Imbassahy, Sergio Felipe de Oliveira, entre tantos outros.

²⁶ Zalmino Zimmermann. Teoria da mediunidade. ed. Allan Kardec. Campinas – SP. 2011. p. 70, 71 e 72

Cumpra classificar os fenômenos mediúnicos, para efeito metodológico, em dois grandes grupos distintos:

a) Mediunidade de efeitos físicos -

Faculdade capaz de produzir efeitos materiais ostensivos, tais como movimento e levitação de corpos inertes, tipologia, curas fenomênicas, voz direta, transportes, materializações, pneumatografia etc.;

b) Mediunidade de efeitos intelectuais ou inteligentes - Faculdade capaz de receber e transmitir comunicações inteligentes, como ocorre, por exemplo, nos fenômenos da psicofonia e psicografia.

Numerosos foram os pesquisadores que, partindo do completo ceticismo, chegaram posteriormente à confirmação contundente da realidade dos fenômenos. Destacamos um fato interessante envolvendo a Sociedade dialética de Londres:

Em 1869, a Sociedade Dialética de Londres, uma das mais autorizadas agremiações científicas, **nomeou uma Comissão de trinta e três membros, sábios, literatos, prelados, magistrados, entre os quais Sir John Lubbock, da Royal Society, Henry Lewes, hábil fisiologista, Huxler, Wallace, Crookes, etc.**, para examinar e “aniquilar para sempre” esses fenômenos espíritas, que, dizia a moção, “são somente produto da imaginação”. Depois de dezoito meses de experiências e de estudos, a Comissão, em seu relatório, reconheceu a realidade dos fenômenos e concluiu em favor do Espiritismo.²⁷

Conforme acentua Leon Denis:

²⁷ Leon Denis. Depois da morte. ed. FEB. Rio de Janeiro. 2005. p. 161

Um dos trinta e três, A. Russel Wallace, colaborador de Darwin, e, depois da morte deste, o mais eminente representante do evolucionismo, prosseguiu suas investigações e consignou os seus resultados numa obra de grande êxito: *Miracles and Modern Splritualism*. Falando dos fenômenos, exprime-se nestes termos: **“Quando me entreguei a essas experiências, era fundamentalmente materialista. Não havia em minha mente concepção alguma de existência espiritual. Contudo, os fatos são obstinados; venceram e obrigaram-me a aceitá-los muito tempo antes que eu pudesse admitir a sua explicação espiritual. Esta veio**

sob a Influência constante de fatos sucessivos que não podiam ser afastados nem explicados de nenhuma outra maneira.”²⁸

J. Herculano Pires também comenta esse importante fato histórico:

A Sociedade Dialética de Londres esfacelou-se contra o rochedo dos fatos, William Crookes tocou os fenômenos com os dedos, como Tomé, e teve a coragem de sustentar a sua realidade. Frederic Zöllner, na Alemanha, fez o mesmo. Já não se podia mais negar a realidade dos fenômenos.²⁹

Os sábios estavam diante de uma verdade incontestável, os fatos eram evidentes. Intensas

²⁸ Leon Denis. Depois da morte. ed. FEB. Rio de Janeiro. 2005. p. 161

²⁹ PIRES, José Herculano. O espírito e o tempo, 10 ed. São Paulo: Paidéia, 2009, p. 331

investigações se apresentaram por todo mundo. A realidade dos fenômenos se tornou comprovada em laboratórios. Não nos interessa a resistência dos contraditores, chegará o dia em que todos eles irão se render diante dos fatos.

O Dr. Gustave Geley, fundador do instituto Metapsíquico Internacional, aponta-nos os principais estudos metódicos realizados por grandes sábios e comissões organizadas, muitas vezes no intuito de provar que os fenômenos eram irrealis, mas que posteriormente acabavam verificando sua autenticidade. Surgiram assim grandes propagadores dessa realidade do invisível. Vejamos o quadro, ainda incompleto, apresentado por Geley, *ipsis verbis*:

As investigações experimentais levadas a efeito com o auxílio de instrumentos de precisão, pelo professor Robert Hare, de Filadélfia, de 1851 a 1854; As experiências do conde de Gasparin

em 1854; Os trabalhos da Sociedade Dialética de Londres, em 1869; Os estudos de William Crookes, acerca da força psíquica, dos movimentos sem contato e das materializações, de 1870 a 1874; As misteriosas investigações de R. Wallace; As do astrônomo Zoellner, que o levaram a descobrir a quarta dimensão da matéria; As de Aksakof e do professor Gibier; As de Donald Mac-Nab, em 1888; As de M. Pelletier, em 1891, e as do doutor Paul Joire, em 1895; As recentes e numerosas experiências feitas com a médium napolitana Eusápia Paladino por numerosos grupos de sábios de Nápoles, Milão, Roma e Varsóvia e, por último, na França, pelos senhores Richet, Sabatier, de Rochas, Darieux, de Gramont, Maxwel, de Watteville, etc.

Entre os principais sábios que afirmam a autenticidade dos fenômenos, podemos citar: *Na Inglaterra* – Os professores Morgan e Gregory; os doutores Chambers, Lockhart-Robertson; o professor Oliver Lodge, da Sociedade Real de Londres; o professor William O. Barret, de Dublin; os senhores Challis e Myers, ambos professores da Universidade de Cambridge; A. Russel Wallace, o ilustre naturalista e êmulo de Darwin, William Crookes, Varley, etc.; *Na Alemanha e na Áustria* – O professor Zoellner; o doutor Carl du Prel, de Munich; o doutor Ciriax; os professores Ulrici, Weber e Fechner, de Leipzig; Schrenck-Notzing, etc.; *Na Suíça* – O doutor Perty, de Berna; os senhores Metzger e Flournoy, de Genebra; *Na Suécia* – Os doutores

Tarneboem e Esland; *Na Rússia* – Os professores Boutlerow e Wagner; o senhor Bodisco; o doutor Ochorowicz, etc.; *Na Itália e na Espanha* – O professor Otero; Schiaparelli, diretor do Observatório Astronômico de Milão; Ermacora e Finzi; os professores Brofferio e F. de Amicis, etc.; *na França* – O doutor Paul Gibier, diretor do Instituto Pasteur, de Nova York; Flammarion; o professor Richet; o doutor Darieux; o conde de Rochas, administrador da Escola Politécnica; o professor Sabatier, de Montpellier; o doutor Ségard, médico principal da marinha, etc.³⁰

Com todo esse lastro científico, diz J. Herculano Pires:

³⁰ Gustave Geley. *Resumo da doutrina espírita*. ed. LAKE. São Paulo. 2009, p. 46

As provas acumuladas a respeito nas sociedades de pesquisas psíquicas, nos anais da Metapsíquica e na vasta literatura

“O que mais querem os negadores? Que os levemos a uma assembléia do mundo dos espíritos? Isso não compete a nós, mas à morte, que fatalmente os levará para esse mundo, sem os convidar nem lhes pedir licença.”

de pesquisa séria, em obras publicadas por cientistas eminentes do século passado e do nosso século, todas elas atualmente comprovadas pelas pesquisas recentes, não deixam margem alguma para duvidas. As exigências científicas nesse campo foram todas cobertas por pesquisas rigorosas realizadas por figuras exponenciais das Ciências [...]. O que mais querem os negadores? Que os levemos a uma assembléia do mundo dos espíritos? Isso não compete a nós, mas à morte, que fatalmente os levará

para esse mundo, sem os convidar
nem lhes pedir licença. ³¹

Diz-nos Gabriel Delanne:

A imensa maioria dos que se têm
ocupado com este assunto os
admitem sem reservas, prontos a
discutirem sua origem e natureza
[...]. Mas o fato tem um poder
invencível, pela única razão de que
ele existe, e, cedo ou tarde, apesar
do todas as negações, acaba por
impor-se soberanamente; abrem-se,
então, diante dos pesquisadores,
novos horizontes. ³²

De modo semelhante, afirma Caibar
Schutel:

³¹ J. Herculano Pires. Curso dinâmico de espiritismo. ed. PAIDÉIA.
São Paulo. 2000. p. 71

³² Gabriel Delanne. Reencarnação. ed. FEB. Rio de Janeiro. 2010, p.
58-59

Centenas de sábios materialistas, após substanciosas sessões realizadas com toda fiscalização e cuidado que exige pesquisas de tal natureza, vieram nos trazer o seu testemunho insuspeito sobre a veracidade dos fatos, de modo a não deixar a mais tênue sombra de dúvida. [...] É verdadeiramente colossal o acervo de documentos que demonstram a existência do princípio anímico, como a sua permanência após a morte do corpo. Só a Sociedade de Investigações Psíquicas de Londres conta com mais de trinta grossos volumes de narrativas de sessões e experiências com resultados verídicos e provas de identidade de manifestações de espíritos, com um somatório tão avultado, que afasta

do nosso critério todas as incertezas.³³

Em seu tratado de espiritualismo experimental, também elucida Leon Denis:

A nova ciência espiritualista não é, pois, obra de imaginação; é o resultado de longas e pacientes pesquisas, o fruto de inúmeras investigações. Os homens que as empreenderam são conhecidos em toda as esferas científicas: portadores de nomes célebres e acatados.³⁴

Com esse pequeno panorama, ainda incompleto, mas suficiente para o objetivo desta obra, demonstramos que o fenômeno mediúnico não é propriedade de nenhuma religião ou produto

³³ SHUTEL, Caibar. Imortalidade pessoal. Revista RIE. São Paulo, ano LXXXVI, n. 06, p. 304-305, julho. 2011

³⁴ Leon Denis. No invisível. ed. FEB. Rio de Janeiro. 2011. p. 48

do sobrenatural. Pelo contrário, é um fenômeno natural e, portanto, passível explicações científicas. Importantes pesquisas já foram levadas a efeito desde meados do século dezenove por eminentes cientistas e, atualmente, novos elementos probatórios estão sendo coletados por pesquisadores espíritas e não espíritas.

A obra basilar da codificação espírita, descerrando os meandros da mediunidade, é *O Livro dos Médiuns*, publicado em Paris, em 15 de janeiro de 1861, de autoria do próprio Allan Kardec. De acordo com renomado pesquisador, a obra contém:

O ensino especial dos Espíritos sobre a teoria de todos os gêneros de manifestações, os meios de comunicação com o mundo invisível, o desenvolvimento da mediunidade, as dificuldades e os escolhos que se podem encontrar na prática do Espiritismo, constituindo

o seguimento de *O Livro dos Espíritos*.³⁵

Em tempo, para quem desejar aprofundar o estudo da fenomenologia mediúnica indicamos as obras *Teoria da mediunidade* (Dr. Zalmir Zimmermann) e *No invisível* (Leon Denis). Verdadeiros tratados de fenomenologia mediúnica. O campo de estudo é abrangente e requer dedicação do estudante. Por outro lado, não há como adquirir conhecimento sem o pré-requisito da seriedade empreendida nos estudos. Nunca é demais destacar que estamos trazendo apenas noções gerais, a fim de que o leitor, em momento oportuno, busque instruções mais profundas da doutrina espírita, especialmente nas obras basilares da codificação.

³⁵ Allan Kardec. O livro dos médiuns. ed. FEB. Rio de Janeiro. 2009. Folha de rosto

Capítulo 5

Allan Kardec - O Codificador

Inicia-se um novo período da Humanidade com Hippolyte Léon Denizard Rivail, nascido no dia 03 de outubro de 1804, em Lyon, França. Descendente do magistrado Jean Baptiste-Antoine Rivail e Jeanne Duhamel.

Estudou em Yverdun, na suíça, tornando-se mais tarde o discípulo de confiança de Johann Heinrich Pestalozzi, conforme acentua Henri Sausse:

Aplicou-se, de todo o coração, à propagação do sistema de educação que exerceu tão grande influência sobre a reforma dos estudos na França e na Alemanha. Muitíssimas vezes, quando Pestalozzi era

chamado pelos governos, um pouco de todos os lados, para fundar institutos semelhantes ao de Yverdun, confiava a Denizard Rivail o encargo de o substituir na direção da sua escola. O discípulo tornado mestre tinha, além de tudo, com os mais legítimos direitos, a capacidade requerida para dar boa conta da tarefa que lhe era confiada.

36

Denizard Rivail já era conhecido pela sua atuação na área de ensino. Publicou inúmeras obras pedagógicas, tais como: Plano apresentado para o melhoramento da instrução pública; Curso prático e teórico de aritmética; Gramática francesa clássica; Manual dos exames para obtenção dos diplomas de capacidade; Catecismo gramatical da língua francesa; Ditados normais dos exames na

³⁶ Allan Kardec. O que é o Espiritismo. Biografia de Allan Kardec. ed. FEB. Rio de Janeiro. 1987. p. 11

Municipalidade e na Sorbona; Ditados especiais sobre as dificuldades ortográficas.

Poliglota, falava os idiomas do alemão, inglês, italiano, espanhol e o holandês, além de dominar o latim e o grego. Destacamos que Rivail foi professor titular no Liceu Polimático, assumindo as cadeiras de Fisiologia, Astronomia, Química e Física.

A partir desse homem, que o astrônomo Camille Flammarion vai chamar de “o bom senso encarnado”, começa uma nova era da humanidade, pois “já não estamos mais no plano místico e misterioso do mediunismo, mas no plano científico, racional, da mediunidade positiva.”³⁷

O professor Rivail notabilizou-se com o pseudônimo de Allan Kardec. Contudo, como se deu sua iniciação no Espiritismo? Oportuno transcrever seus próprios relatos, *in verbis*:

³⁷ José Herculano Pires. O espírito e o tempo. ed. Paidéia. São Paulo. 2009. p. 93

Eu estava, pois, diante de um fato inexplicado, aparentemente contrário às leis da Natureza e que a minha razão repelia. Ainda nada vira, nem observara; as experiências, realizadas em presença de pessoas honradas e dignas de fé, confirmavam a minha opinião, quanto à possibilidade do efeito puramente material; a idéia, porém, de uma mesa falante ainda não me entrara na mente.

No ano seguinte, estávamos em começo de 1855, encontrei-me com o Sr. Carlotti, amigo de 25 anos, que me falou daqueles fenômenos durante cerca de uma hora, com o entusiasmo que consagrava a todas as idéias novas. Ele era corso, de temperamento ardoroso e enérgico e eu sempre lhe apreciara as qualidades que distinguem uma

grande e bela alma, porém desconfiava da sua exaltação. Foi o primeiro que me falou na intervenção dos Espíritos e me contou tantas coisas surpreendentes que, longe de me convencer, aumentou-me as dúvidas. Um dia, o senhor será dos nossos, concluiu. Não direi que não, respondi-lhe; veremos isso mais tarde. Passado algum tempo, pelo mês de maio de 1855, fui à casa da sonâmbula Sra. Roger, em companhia do Sr. Fortier, seu magnetizador. Lá encontrei o Sr. Pâtier e a Sra. Plainemaison, que daqueles fenômenos me falaram no mesmo sentido em que o Sr. Carlotti se pronunciara, mas em tom muito diverso. O Sr. Pâtier era funcionário público, já de certa idade, muito instruído, de caráter grave, frio e

calmo; sua linguagem pausada, isenta de todo entusiasmo, produziu em mim viva impressão e, quando me convidou a assistir às experiências que se realizavam em casa da Sra. Plainemaison, à rua Grange-Batelière, 18, aceitei imediatamente. A reunião foi marcada para terça-feira 1 de maio às oito horas da noite. [...] Foi nessas reuniões que comecei os meus estudos sérios de Espiritismo, menos, ainda, por meio de revelações, do que de observações.”³⁸

Face às novas descobertas, continua:

Apliquei a essa nova ciência, como o fizera até então, o método experimental; nunca elaborei

³⁸ Allan Kardec. Obras póstumas. FEB. Rio de Janeiro. 2006. p. 276, 277 e 278

teorias preconcebidas; observava cuidadosamente, comparava, deduzia conseqüências; dos efeitos procurava remontar às causas, por dedução e pelo encadeamento lógico dos fatos, não admitindo por válida uma explicação, senão quando resolvia todas as dificuldades da questão. Foi assim que procedi sempre em meus trabalhos anteriores, desde a idade de 15 a 16 anos. Compreendi, antes de tudo, a gravidade da exploração que ia empreender; percebi, naqueles fenômenos, a chave do problema tão obscuro e tão controvertido do passado e do futuro da Humanidade, a solução que eu procurara em toda a minha vida. Era, em suma, toda uma revolução nas idéias e nas crenças; fazia-se mister, portanto, andar com

a maior circunspeção e não levemente; ser positivista e não idealista, para não me deixar iludir.

39

Ao contrário do que vulgarmente se propaga Allan Kardec não foi o criador do Espiritismo. Nestas circunstâncias, qual foi o seu papel? É o próprio mestre de Lyon quem responde: “Nem o de inventor, nem o de criador. Vi, observei, estudei os fatos com cuidado e perseverança; coordenei-os e lhes deduzi as conseqüências: eis toda a parte que me cabe. Aquilo que fiz, outro poderia ter feito em meu lugar.”⁴⁰

O espírita guarda enorme gratidão e respeito com relação à figura do codificador, mas isso não se confunde com idolatria cega e beata. Sabe-se que Allan Kardec trabalhou assiduamente para o desenvolvimento da doutrina, contudo,

³⁹ Allan Kardec. Obras póstumas. ed. FEB. Rio de Janeiro. 2006. p. 278 e 279

⁴⁰ Allan Kardec. Viagem espírita em 1862 e outras viagens de Kardec. ed. FEB. Rio de Janeiro. 2007. p. 249

conforme já exposto, nunca buscou ser reconhecido como inventor ou criador do Espiritismo:

Diz-se: a filosofia de Platão, de Descartes, de Leibnitz; nunca se poderá dizer: a doutrina de Allan Kardec; e isto, felizmente, pois que valor pode ter um nome em assunto de tamanha gravidade? O Espiritismo tem auxiliares de maior preponderância, ao lado dos quais somos simples átomos. ⁴¹

Desencarnou em virtude de um aneurisma, aos 65 anos de idade, em 31 de março de 1869, na cidade de Paris.

“Diz-se: a filosofia de Platão, de Descartes, de Leibnitz; nunca se poderá dizer: a doutrina de Allan Kardec;”

Além das cinco obras básicas da codificação espírita, o mestre de Lyon nos legou as publicações da

⁴¹ Allan Kardec. O que é o Espiritismo. ed. FEB. Rio de Janeiro. 1987. p. 120

Revista Espírita (atualmente são editadas em doze volumes pela Federação Espírita Brasileira – FEB), também a obra *O que é o Espiritismo*, entre outras de igual valor e importância.

“Gloria, pois, a ti, Allan Kardec! Os beneficiários do teu esforço grandioso, encarnados e desencarnados, saudamos-te e homenageamos-te, rogando ao Criador que te abençoe sempre e sem cessar!”⁴²

Obs.: Nosso intuito, óbvio, não foi o de realizar uma biografia completa de Allan Kardec. Indicamos a leitura da obra biográfica do codificador escrita por Henri Sausse, da qual nos servimos em grande parte nesse capítulo.

⁴² Divaldo Franco. *Espiritismo e Vida*. Pelo Espírito Vianna de Carvalho. ed. Leal. Salvador. 2009. p. 53

Capítulo 6

A fé racional

A fé cega é o caminho que conduz ao fanatismo religioso. Multidões são arrastadas pelo dogmatismo infundado e pernicioso. As mais absurdas pregações são aceitas como verdades incontestáveis. O escambo com Deus é incentivado pelos profissionais religiosos. O “milagre” deixa de ser “milagre” para se tornar algo rotineiro. Falsos profetas endinheirados são adorados como semideuses. Esse é o triste cenário da fé sem raciocínio.

Os homens receberam do Criador a razão, mas o dogmatismo religioso busca anular esse atributo, atrofiando as mentes, que se tornam proibidas de pensar. “A fé cega nada examina, aceita sem verificar tanto o falso como o verdadeiro e choca-se, a cada passo, com a evidência e a razão.

Em excesso, leva ao fanatismo. Quando a fé está apoiada no erro, cedo ou tarde desmorona.” (ESE, Cap. 19, Item 6)

É mais fácil dominar quem não pode pensar. A imposição surge sorrateiramente pela pregação do medo. O mito de Satanás ainda é o “carro-chefe” das igrejas. O inferno material, os demônios, as penas eternas, etc. todos também fazem parte do arsenal teológico de dominação clerical. Em contrapartida, Jesus é transformado no mitológico salvador dos crentes comodistas. Ressalte-se, contudo, que ele só trabalha mediante o pagamento antecipado do dízimo e das ofertas polpudas.

A fé raciocinada, todavia, conduz à verdade que liberta. No Espiritismo tudo deve passar pelo crivo da lógica, da razão e do bom senso. Para espiritista não basta crer o, pois é necessário saber. Neste ínterim, elucida Allan Kardec com propriedade:

A fé raciocinada, por se apoiar nos fatos e na lógica, nenhuma obscuridade deixa. A criatura então crê, porque tem certeza, e ninguém tem certeza senão porque compreendeu. Eis por que não se dobra. Fé inabalável só o é a que pode encarar de frente a razão, em todas as épocas da Humanidade. (ESE. Cap.19. Item 7)

Por sua vez, oportuno lembrar as palavras sensatas de Emmanuel, mentor espiritual de Chico Xavier, *in verbis*:

(...) O ato de crer em alguma coisa demanda a necessidade do sentimento e do raciocínio, para que a alma edifique a fé em si mesma. Admitir as afirmativas mais estranhas, sem exame minucioso, é caminhar para o desfiladeiro do absurdo, onde os fantasmas

dogmáticos conduzem as criaturas a todos os despautérios. Mas também interferir nos problemas essenciais da vida, sem que a razão esteja iluminada pelo sentimento, é buscar o mesmo declive onde os fantasmas impiedosos da negação conduzem as almas a muitos crimes (O Consolador. Questão 355)

A doutrina espírita estabeleceu em definitivo a aliança entre a fé e a razão, para que ambas caminhem juntas no processo evolutivo da humanidade. Portanto, “o Espiritismo representa o triunfo decisivo da razão. Não sobre a fé, com a qual se estabelece o equilíbrio, mas sobre o dogmatismo fideísta, que em nome da última asfixiava a primeira.”⁴³

Posto isso, fica fácil compreender que o espírita coerente com os postulados doutrinários

⁴³ J. Herculano Pires. O Espírito e o Tempo. ed. Paidéia. São Paulo. 2009. p. 126

não deve aceitar cegamente tudo que venha do plano invisível. Sabe-se que os habitantes do mundo extrafísico se diferenciam pelo grau de evolução espiritual, semelhante ao que ocorre entre os encarnados, havendo uma gradação que pode variar entre o ser mais ignorante até o mais adiantado na escala espírita. Ninguém se torna sábio repentinamente só por ter desencarnado.

A espécie humana seria perfeita, se sempre tomasse o lado bom das coisas. Em tudo, o exagero é prejudicial. Em Espiritismo, infunde confiança demasiado cega e freqüentemente pueril, no tocante ao mundo invisível, e leva a aceitar-se, com extrema facilidade e sem verificação, aquilo cujo absurdo, ou impossibilidade a reflexão e o exame demonstrariam. O entusiasmo, porém, não reflete, deslumbra. Esta espécie de adeptos é mais nociva do que útil à causa do

Espiritismo. (...) Graças à sua boa-fé, são iludidos, assim, por Espíritos mistificadores, como por homens que procuram explorar-lhes a credulidade. (LM. Cap. 3. Item 28)

Devemos submeter todas as comunicações ao rigoroso controle da razão,

“A tradição religiosa jamais pode ser imposta, todos possuem a legitimidade de escolher e raciocinar a própria fé. O sistema fideísta escraviza, mas a fé iluminada nela razão liberta.”

verificando a compatibilidade das mesmas com os postulados doutrinários.

Afirma Leon Denis que “nada é mais prejudicial à

causa do Espiritismo que a excessiva credulidade de certos adeptos (...) é preciso não aceitar cegamente coisa alguma. Cada fato deve ser objeto de minucioso e aprofundado exame.”⁴⁴

⁴⁴ Leon Denis. No Invisível. ed. FEB. Rio de Janeiro. 2010. p. 147

Nada mais extraordinário do que a liberdade de pensar e examinar. A possibilidade de raciocinar é uma das faculdades mais preciosas que Deus concedeu ao homem. A razão é a maior aliada da fé.

A crença pela crença, a fé pela fé, a obrigação e a necessidade de aceitar a tradição, como verdade absoluta, acabada e perfeita, são característicos dos horizontes primitivos, das fases de predomínio do instinto e do sentimento. Na proporção em que a razão se desenvolve em o homem aprende a pensar e julgar, a fé cega, tradicional já não pode satisfazê-lo. A fórmula comodista: “Creio porque creio, exigirá um substituto

dinâmico e fecundo: “Creio porque sei”.⁴⁵

A tradição religiosa jamais pode ser imposta, todos possuem a legitimidade de escolher e raciocinar a própria fé. O sistema fideísta escraviza, mas a fé iluminada pela razão liberta.

⁴⁵ J. Herculano Pires. O Espírito e o Tempo. ed. Paidéia. São Paulo. 2009. p. 116

Capítulo 7

A Bíblia e a Fundamentação Espírita

O leigo geralmente questiona por qual motivo os espíritas não aceitam a Bíblia como um todo, mas apenas parte dela. A primeira vista parece incoerência, contudo, isso é a aplicação do **princípio da fé raciocinada**. Paulo

**"Examinai tudo e retendes o que
for bom"**

de Tarso, o apóstolo dos Gentios, certa vez afirmou: "Examinai tudo e retendes o que

for bom". Parece-nos que, mesmo naquele tempo, a fé raciocinada já encontrava suporte. Ressaltamos que para o espírita não basta crer, pois é necessário saber.

Exorta Leon Denis: "Aprendeí a discernir, a separar as coisas imaginárias das reais. Abstende-vos de combater a Ciência e renegar a razão, porque a razão é Deus dentro de nós, e o seu santuário é a nossa consciência."

O grande problema é que as pessoas enxergam a Bíblia como um todo unitário. Não conseguem diferenciar o que é de origem humana e, portanto, mutável, daquilo que é origem divina e imutável.

De acordo com o Dr. Severino Celestino, “A palavra Bíblia vem do grego (**bíblia**=plural de **biblion** ou **biblios**= livro), portanto é um conjunto de livros”, escritos por diversos autores, muitos deles desconhecidos. Ressaltamos, por exemplo, que a Bíblia Protestante contém 66 livros, a Católica possui 73 e a Hebraica apenas 24. Onde estaria, neste caso, a tão proclamada “palavra de Deus” (expressão de origem judaica)?

Neste momento não iremos adentrar na questão das adulterações, mas já destacamos e indicamos o estudo da obra “Analisando as traduções Bíblicas”, de autoria do Dr. Severino Celestino. As revelações são surpreendentes. “É um trabalho original, de fôlego, com muita força analítica”, diz o prefaciador.

Reconhecemos nos textos Bíblicos a existência de ensinamentos sublimes que, provavelmente, têm suas origens inspiradoras nas esferas mais elevadas da espiritualidade. Por outro lado, há também aberrações e barbaridades que nos fazem pensar na inferioridade moral e espiritual dos seus autores e co-autores (Espíritos inferiores). Vejamos, por exemplo, um pequeno quadro de atrocidades e bobagens Bíblicas que nos traz Richard Simmoneti:

Os filhos devem pagar pelos pecados dos pais (Êxodo, 20:5); Quem trabalhar no sábado será morto (Êxodo, 35:2); Animais e aves serão sacrificados, sangue espargido sobre altares, atendendo a variados objetivos (Levítico, caps. 1 a7); Quando morrer um homem sem deixar descendentes, seu irmão deve casar-se com a viúva (Deuteronômio, 25:5); Os filhos desobedientes e rebeldes, que não ouçam os pais e se comprometam em vícios, serão apedrejados até a morte (Deuteronômio 21:

18-21); É proibido comer carne de porco, lebre ou coelho (Levítico, 11: 5-7); O homossexualismo será punido com morte (Levítico, 20:13); A zoofilia sexual será punida com morte (Levítico, 20:15-16); Deficientes físicos estão proibidos de aproximar-se do altar do culto, para não profaná-lo com seu defeito (Levítico, 21: 17-23); O hanseniano deve ser segregado da vida social, vivendo no isolamento (Levítico, Cap. 13); Os adúlteros serão apedrejados até a morte (Deuteronômio, 22:22); A blasfêmia contra Deus será punida com o apedrejamento, até a morte (Levítico, 24: 16-16).

Aceitar que tudo isso seja a “palavra de Deus” é, no mínimo, uma ofensa para com a divindade. Não consideramos a Bíblia por esse foco dogmático, mas encontraremos nela, assim como em inúmeros outros livros ditos "sagrados", uma série de fatos e postulados espíritas. Ora, a moral divina é universal e os fatos espíritas

(reencarnação e fenomenologia mediúnica) são fenômenos naturais, portanto, nada mais lógico do que encontrarmos o registro desses ensinamentos e eventos em todas as épocas da humanidade, em diversos livros “sagrados”, entre os filósofos da antiguidade, nas mais diversas culturas e tradições.

A fundamentação espírita encontra suas raízes no que há de mais lógico, racional, pautada no bom senso e, principalmente, na universalidade do ensino dos Espíritos. Não precisaríamos buscar o apoio Bíblico para confirmar aquilo que é um fato, mas como dizer que Saul não se comunicou com o Espírito Samuel (I Samuel 28:7 a 17) e que Jesus não conversou com os Espíritos Elias e Moisés (Mateus 17:3)? Como defender que João Batista não era a reencarnação de Elias (Mateus 11:14; 17: 10-13)? Como esconder os eventos mediúnicos no livro de Atos? Enfim, como negar tantos fatos espíritas que saltam aos olhos em diversas passagens Bíblicas? Os espíritas não inventaram tudo isso. Está tudo lá na Bíblia, basta ter olhos para ver. O fanático religioso não consegue entender isso, “**porque**

eles, vendo, não vêem; e, ouvindo, não ouvem nem compreendem.” (Mateus 13:13)

Fazemos coro às palavras de José Reis Chaves: “respeitamos a Bíblia, mas com moderação, com uma visão racional dela, pois ela é tal como uma rosa que tem pétalas e perfume, mas tem também espinhos, obviamente humanos, e não divinos.”⁴⁶

⁴⁶ Revista Espiritismo e Ciência. n° 64

Capítulo 8

Moisés e a proibição de consultar os mortos

A referência ao texto de Deuteronômio (18:9-11) é comumente utilizada no intuito de condenar o Espiritismo. Interessante notar que o velho testamento só é lembrado e aplicado quando convém. Ora, a Bíblia deveria ser aceita por completo entre aqueles que a consideram como a palavra de Deus. Por qual motivo não se aplicam mais as sentenças absurdas que transcrevemos no capítulo anterior, mas as supostas condenações ao Espiritismo ainda estão vigentes? Quanta incoerência!

Algumas traduções da Bíblia são publicadas com adulterações absurdas, sempre no intuito de condenar o Espiritismo e adaptar os textos aos interesses pessoais. Lembramos que o Espiritismo surge apenas em meados do

século 19, portanto, a própria terminologia (Espiritismo) não poderia constar em nenhuma tradução.

O Dr. Severino Celestino - professor do curso de Pós-Graduação em ciência das Religiões, pesquisador e estudioso do hebraico e das religiões - aponta algumas adulterações da Bíblia:⁴⁷

Tradução da 35^o. Edição da Bíblia, realizada pelo centro Bíblico Católico Editora Ave Maria: *“Quando tiveres entrado na terra que o Senhor, teu Deus, te dá, não te porás a imitar as práticas abomináveis da gente daquela terra. Não se acho no meio de ti quem faça passar fogo pelo seu filho ou sua filha, nem que se dê à adivinhação, à astrologia, aos agouros, ao feiticismo, à magia, **ao espiritismo**, à adivinhação ou evocação dos mortos.”* (Tradução incorreta)

Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas, realizada pelos Testemunhas de Jeová: *“Quando tiveres entrado na terra de Jeová, teu Deus, te dá, não debes aprender a fazer as coisas detestáveis dessas nações.*

⁴⁷ Severino Celestino. Analisando as traduções Bíblicas. ed. Mundo Maior. São Paulo. 2009

*Não se deve achar em ti alguém que faça seu filho ou sua filha passar pelo fogo, alguém que empregue adivinhação, algum praticante de magia ou quem procure presságios, ou feiticeiro, ou alguém que prenda outros encantamentos, ou alguém que vá consultar um **médium Espírita**, ou um prognosticador de eventos, ou alguém que consulte os mortos” (Tradução incorreta)*

Ora, reiteramos que as palavras ESPIRITISMO e ESPÍRITA jamais poderiam constar na Bíblia, tendo em vista que não existiam na época de Moisés. Severino Celestino argumenta ainda que “a palavra ESPIRITISMO nem existe em hebraico. Como poderia, então, existir condenação desta doutrina por Moisés?”. O que pensar de indivíduos que são capazes de tamanha farsa e desonestidade? Raça de Víboras (Mateus 12-34). Infelizmente há quem acredite ser isso a palavra de Deus. Deixai-os; são condutores cegos. Ora, se um cego guiar outro cego, ambos cairão na cova (Mateus 15-14)

Segue agora a tradução original: *“Quando entrares na terra que Iahvéh, teu Deus, te dá, não aprendas a fazer as abominações daquelas nações. Não se*

achará em ti quem faça passar seu filho ou sua filha pelo fogo, nem adivinhador, nem feiticeiros, nem agoureiro, nem cartomante, nem bruxo, nem mago e semelhante, nem quem consulte o necromante e adivinho, nem quem exija a presença dos mortos.”

Todavia, o que dizer da condenação de consultar os “mortos”? É o que iremos estudar agora. A proibição mosaica (não divina) de comunicação com os desencarnados se deu pelos abusos praticados por aquele povo que ainda não se encontrava suficientemente maduro no entendimento das coisas espirituais. A prática mediúnica era exercida levemente para finalidades escusas como a adivinhação, feitiçarias, entre outras frivolidades também condenadas pelo Espiritismo. Neste sentido, elucidada Allan Kardec:

Nesse tempo as evocações tinham por fim a adivinhação, ao mesmo tempo que constituíam comércio, associadas às práticas da magia e do sortilégio, acompanhadas até de sacrifícios humanos. **Moisés tinha razão, portanto,**

proibindo tais coisas e afirmando que Deus as abominava. Essas práticas supersticiosas perpetuaram-se até à Idade Média, mas hoje a razão predomina, ao mesmo tempo que **o Espiritismo veio mostrar o fim exclusivamente moral, consolador e religioso das relações de além-túmulo.** (CI. Cap. XI. Item 4)

O Dr. Severino Celestino ainda informa:

Não podemos esquecer de analisar a situação em que os livros de Moisés foram escritos e para que povo foram escritos. Encontrava-se o povo hebreu, em época de idolatria e politeísmo. E este povo era recém-saído do cativeiro e procedente de um país, (Egito), onde também reinavam a idolatria e o materialismo. Existia por parte de Moisés uma preocupação em conduzir aquele povo e ao mesmo tempo em exterminar do meio deles a idolatria. Era muito comum, naquela época, a existência

de Adivinhos e Necromantes que se intitulavam verdadeiros ídolos, e sendo também muito procurados pelo povo de então. Moisés tenta acabar estes costumes e as práticas mais populares e comuns a que o povo se submetia, para poder instalar e instituir, entre esse povo, o verdadeiro e único Deus. (...) É verdade que Moisés condenou a exigência da presença dos “mortos”, isto porque naquela época existia muito abuso nesta prática. (...) No entanto, a proibição foi contra a consulta indevida aos mortos com interesses pessoais e objetivos materiais.⁴⁸

Na atualidade, porém, tal proibição não faz mais sentido. O apóstolo dos Gentios nos fala das crianças espirituais: *“Quando eu era menino, falava como menino, sentia como menino, discorria como menino, mas, logo que cheguei a ser homem, acabei com as coisas de menino.” (1 Coríntios 13:11)*

⁴⁸ Severino Celestino. Analisando as traduções Bíblicas. ed. Mundo Maior. São Paulo. 2009. p. 93, 94 e 99

Atingimos uma maturidade espiritual que nos permite estabelecer o intercâmbio mediúnico com responsabilidade. O que motivou a proibição mosaica é também condenado pela própria doutrina espírita. Os spiritistas apenas se comunicam com o plano espiritual com o fim *exclusivamente moral, consolador e religioso*.

Ademais, o objetivo de uma lei proibitiva é evitar que determinada conduta seja exercida. Ora, ninguém proíbe algo que é impossível de ser realizado, o que

“O Espiritismo veio mostrar o fim exclusivamente moral, consolador e religioso das relações de além-túmulo.”

comprova que Moisés sabia da possibilidade de comunicação com os Espíritos. Por questões óbvias só se

proíbe aquilo que é possível de ser praticado.

Interessante notar que, após haver desencarnado, retorna o próprio Espírito Moisés para conversar com Jesus no monte Tabor. (Mateus 17, 1-8) Será que o Mestre nazareno estava contrariando uma Lei divina ao conversar com os “mortos”? Não. Esta passagem é a

prova clara de que não existe proibição quando o intercâmbio mediúnico é realizado sem fins escusos.

Atualmente, no seio da própria igreja católica, já existem padres que falam abertamente da comunicação mediúnica. O Padre Fraçois Brune é reconhecido internacionalmente pela pesquisas na área da Trasmunicação Instrumental, havendo publicado um livro intitulado “Os Mortos nos falam.” O próprio Papa João Paulo II, *perante uma platéia com mais de vinte mil pessoas na Basílica de São Pedro, em dois de Novembro de 1983, afirmou que “o diálogo com os mortos não deve ser interrompido, pois, na realidade, a vida não está limitada pelos horizontes do mundo.”* No protestantismo, destacou-se a personalidade e a coragem do pastor plesbiteriano Nehemias Marien em aceitar e reconhecer públicamente os postulados espíritas.

A história do Cristianismo primitivo está repleta de fenomenologia mediúnica. Muitos santos da igreja eram médiuns, portadores de incríveis faculdades. Neste ponto, solicitamos o estudo da obra “Cristianismo e Espiritismo” de autoria de Leon Denis.

A questão só é compreendida quando analisada sem preconceitos ou espírito de oposição sistemática. Não existe condenação ao Espiritismo em nenhum livro sagrado. Trata-se de uma doutrina libertadora, pois deixa ao homem o livre arbítrio de sua própria vida. Os manipuladores com finalidades mercantis não querem que isso aconteça, daí surgem os ataques desesperados, mas infrutíferos.

Capítulo 9

Moral espírita cristã

Diz-nos Allan Kardec que o ensino dos Espíritos é eminentemente cristão. (LE. Cap. V. Item 222) Suas conseqüências morais são todas no sentido do Cristianismo,

“O Espiritismo é, pois, obra do Cristo, que preside, conforme igualmente o anunciou, à regeneração que se opera e prepara o reino de Deus na Terra.”

porque de todas as doutrinas é esta a mais esclarecida e pura. (O que é o Espiritismo) Não, o Espiritismo não traz moral diferente da de Jesus. (LE.

Conclusão. Item VIII). A doutrina espírita não institui nenhuma nova moral; apenas facilita aos homens a inteligência e a prática da do Cristo, facultando fé inabalável e esclarecida aos que duvidam ou vacilam. (ESE. Cap. XVII. Item 4) Portanto, o Cristianismo e o Espiritismo ensinam a mesma coisa. (ESE. Introdução).

O Espiritismo é, pois, obra do Cristo, que preside, conforme igualmente o anunciou, à regeneração que se opera e prepara o reino de Deus na Terra. (ESE. Cap. 1. Item 7)

Os Espíritos dizem que no Cristianismo encontram-se todas as verdades; são de origem humana os erros que nele se enraizaram. (ESE. Cap. VI. Item 5) Disso resulta que verdadeiro espírita e verdadeiro cristão são uma só e a mesma coisa. (ESE. Cap. 15. Item 10) Para esses adeptos a caridade é, em tudo, a regra de proceder a que obedecem. São os *verdadeiros espíritas*, ou melhor, os *espíritas cristãos*. (LM. Cap. III. Item 28)

Neste sentido, a bandeira que desfraldamos bem alto é a do *Espiritismo cristão e humanitário*. (LM. Cap. XXIX. Item 350) Seja, pois, o vosso grupo o primeiro a dar exemplo das virtudes cristãs visto que, nesta época de egoísmo, é nas Sociedades espíritas que a verdadeira caridade há de encontrar refúgio. (LM. Dissertações. Item XXI)

O Espiritismo, segundo a bela expressão de Emmanuel, representa a renascença cristã. Observe-se que não estamos falando do Cristianismo teológico das igrejas, com este a doutrina espírita em nada se assemelha, pois não compartilha de nenhum de seus dogmas e mitos. Referimo-nos, pois, aos ensinamentos morais e espirituais do mestre nazareno.

O codificador elucida que podemos dividir as matérias contidas no evangelho em cinco partes: *os atos comuns da vida do Cristo; os milagres; as predições; as palavras que foram tomadas pela Igreja para fundamento de seus dogmas; e o ensino moral*. Há, pois, inúmeras controvérsias quanto às quatro primeiras, mas última, isto é, a parte moral, porém, continua inatacável. Portanto, o ensino moral do Cristo é o terreno onde todos os cultos podem reunir-se, estandarte sob o qual podem todos colocar-se, quaisquer que sejam suas crenças, porquanto jamais ele constituiu matéria das disputas religiosas, que sempre e por toda a parte se originaram das questões dogmáticas. (ESE. Introdução. Item 1)

Conforme já dissemos, a síntese da moral cristã resta evidente no sermão da montanha. Huberto Rohden (filosofo, educador e teólogo), que não era espírita, elucida sabiamente:

Quem é proclamado “bem-aventurado” feliz? Quem é chamado “filho de Deus”? Quem é que “verá a Deus”? De quem é o ‘reino dos céus”?

Será de algum crente no dogma “A”, “B” ou “C”?

Será o adepto da teologia desta ou daquela igreja ou seita?

Será o partidário de um determinado credo eclesiástico?

Nem vestígio disto!

Os homens bem-aventurados, os cidadãos do reino dos céus, são os “pobres pelo espírito”, são os “puros de coração”, são os ‘mansos”, os que “sofrem perseguição por

causa da justiça”, são os ‘pacificadores”, são os “misericordiosos” e “os que choram”, são os que “amam aos que os odeiam” e “fazem bem aos que lhes fazem mal”. ⁴⁹

A moral cristã é universalista. Portanto, não é propriedade exclusiva de nenhuma religião. O Espiritismo restaura os ensinamentos evangélicos em sua pureza, isto é, sem os dogmas, mitos e crendices. Ele também desenvolve, completa e explica, em termos claros e para toda gente, o que foi dito apenas sob forma alegórica. (ESE.Cap.1. Item 7)

Desta forma, é correto dizer que o Espiritismo é o Consolador prometido por Jesus:

O Espiritismo vem, na época predita, cumprir a promessa do Cristo: preside ao seu advento o Espírito de Verdade. Ele chama os homens à observância da lei; ensina todas as coisas fazendo compreender o que Jesus só disse por parábolas. Advertiu o Cristo: “Ouçam os

⁴⁹ Huberto Rohden. O Sermão da Montanha. ed. Martin Claret. São Paulo. 2010. p. 15-16

que têm ouvidos para ouvir.” O Espiritismo vem abrir os olhos e os ouvidos, porquanto fala sem figuras, nem alegorias; levanta o véu intencionalmente lançado sobre certos mistérios. Vem, finalmente, trazer a consolação suprema aos deserdados da Terra e a todos os que sofrem, atribuindo causa justa e fim útil a todas as dores. (...) Assim, o Espiritismo realiza o que Jesus disse do Consolador prometido: conhecimento das coisas, fazendo que o homem saiba donde vem, para onde vai e por que está na Terra; atrai para os verdadeiros princípios da lei de Deus e consola pela fé e pela esperança. (ESE. Cap. 6. Item 4)

Jesus não precisa e não deseja ser adorado. Devemos deixar de lado o mito da divindade de Jesus, criado no Concílio de Nicéia (325 d.C). O mestre nazareno é o mensageiro divino que teve por missão pregar a Boa Nova, não apenas por palavras, mas também por exemplos

vivos. Por isso, Jesus é o modelo e guia da humanidade. O evangelho é o roteiro de ascensão espiritual.

Para encerrar, gostaríamos de transcrever as palavras esclarecedoras de Leon Denis, *in verbis*:

Qual a verdadeira doutrina do Cristo? Os seus princípios essenciais acham-se claramente enunciados no Evangelho. É a paternidade universal de Deus e a fraternidade dos homens, com as conseqüências morais que daí resultam; é a vida imortal a todos franqueada e que a cada um permite em si próprio realizar “o reino de Deus”, isto é, a perfeição, pelo desprendimento dos bens materiais, pelo perdão das injúrias e o amor ao próximo.

Para Jesus, numa só palavra, toda a religião, toda a filosofia consiste no amor:

“Amai os vossos inimigos; fazei o bem aos que vos odeiam e orai pelos que vos perseguem e caluniam; para serdes filhos

de vosso Pai que está nos céus, o qual faz erguer-se o seu sol sobre bons e maus, e faz chover sobre justos e injustos. Porque, se não amais senão os que vos amam, que recompensa deveis ter por isso?” (Mateus, V, 44 e seguintes.).

Desse amor o próprio Deus nos dá o exemplo, porque seus braços estão sempre abertos para o pecador:

“Assim, vosso Pai que está nos céus não quer que pereça um só desses pequeninos.”

O sermão da montanha resume, em traços indeléveis, o ensino popular de Jesus. Nele é expressa a lei moral sob uma forma que jamais foi igualada. Os homens aí aprendem que não há mais seguros meios de elevação que as virtudes humildes e escondidas.

“Bem-aventurados os pobres de espírito (isto é, os espíritos simples e retos), porque

deles é o reino dos céus. – Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados. – Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados - Bem-aventurados os que são misericordiosos, porque alcançarão misericórdia. – Bem-aventurados os limpos de coração, porque esses verão a Deus.” (Mateus, V, 1 a 12; Lucas, VI, 20 a 25.)

O que Jesus quer não é um culto faustoso, não é umas religiões sacerdotais, opulentas de cerimônias e práticas que sufocam o pensamento, não; é um culto simples e puro, todo de sentimento, consistindo na relação direta, sem intermediário, da consciência humana com Deus, que é seu Pai:

“É chegado o tempo em que os verdadeiros adoradores hão de adorar o Pai em espírito e verdade, porque tal quer, também, sejam os que o adorem. Deus é espírito, e em

espírito e verdade é que devem adorar os que o adoram.”

O ascetismo é coisa vã. Jesus limita-se a orar e a meditar, nos sítios solitários, nos templos naturais que têm por colunas as montanhas, por cúpula a abóbada dos céus, e de onde o pensamento mais livremente se eleva ao Criador.

Aos que imaginam salvar-se por meio do jejum e da abstinência, diz:

“Não é o que entra pela boca o que macula o homem, mas o que por ela sai.”

Aos rezadores de longas orações:

“Vosso Pai sabe do que careceis, antes de lho pedirdes.”

Ele não exige senão a caridade, a bondade, a simplicidade:

“Não julgueis e não sereis julgados. Perdoai e sereis perdoados. Sede misericordiosos como vosso Pai celeste é misericordioso. Dar é mais doce do que receber”. “Aquele que se humilha será exaltado; o que se exalta será humilhado”. “Que a tua mão esquerda ignore o que faz a direita, a fim de que tua esmola fique em segredo; e então teu Pai que vê no segredo, te retribuirá.”

E tudo se resume nestas palavras de eloqüente concisão:

“Amái o vosso próximo como a vós mesmos e sede perfeitos como vosso Pai celeste é perfeito. Nisso se encerram toda a lei e os profetas.⁵⁰

O cristianismo da igreja em nada se assemelha aos ensinoss de Jesus. O espírita rejeita os dogmas para ficar com a verdadeira doutrina espiritual transmitida pelo

⁵⁰ Leon Denis. Cristianismo e Espiritismo. ed. FEB. Rio de Janeiro: 2008. p. 51-53

Cristo! Jamais iremos nos submeter ao ensino teológico clerical.

REFERÊNCIAS

AHMAD, Nemer. **Psicografia: O novo olhar da justiça**. Aliança. São Paulo. 2008

CELESTINO, Severino. **Analisando as traduções Bíblicas**. Mundo Maior. São Paulo. 2009

CELESTINO, Severino. **O Evangelho e o Cristianismo primitivo**. Ideia. João Pessoa. 2010.

CHAVES, José Reis. **A Reencarnação na Bíblia e na Ciência**. ebm editora. São Paulo. 2006

BLAINEY, Geoffrey. **Uma breve história do Cristianismo**. Fundamento. 2012.

DELANNE, Gabriel. **Reencarnação**. Rio de Janeiro. FEB. 2010.

DENIS Leon. **Cristianismo e Espiritismo**. Rio de Janeiro. FEB .2008.

DENIS, Leon. **Depois da morte**. Rio de Janeiro. FEB. 2005.

DENIS, Leon. **No invisível**. Rio de Janeiro: FEB. 2010.

DENIS, Leon. **O problema do ser do destino e da dor**. Rio de Janeiro. FEB. 2009.

DUQUE, Dalmo. **Nova História do Espiritismo**. ed. Do Conhecimento. 2010.

FRANCO, Divaldo. **Espiritismo e Vida**. Pelo Espírito Vianna de Carvalho. Leal. Salvador. 2009.

FRANCO, Divaldo. **Um encontro com Jesus**. Leal. Salvador. 2007.

FRANCO, Divaldo; TEIXEIRA, Raul. **Diretrizes de Segurança**. FRÀTER. Rio de Janeiro. 2002

FRANCO, Divaldo; TEIXEIRA, Raul. **Os Evangelhos e o Espiritismo**. Alvorada. 2010

GELEY, Gustave. **Resumo da doutrina espírita**. LAKE. São Paulo. 2009.

KARDEC ,Allan. **O que é o Espiritismo**.

KARDEC, Allan. **A Gênese**.

KARDEC, Allan. **O Livro dos Médiuns**.

KARDEC, Allan. **O Livro dos Espíritos**.

KARDEC, Allan. **O Evangelho segundo o Espiritismo**.

KARDEC, Allan. **O Céu e o Inferno**.

KARDEC, Allan. **Obras póstumas**.

KARDEC, Allan. **Viagem espírita em 1862 e outras viagens de Kardec**. FEB. Rio de Janeiro. 2007

MARINOFF, Lou. **Pergunte a Platão**. Record. Rio de Janeiro. 2010

MIRANDA, Hermínio C. **Reencarnação e imortalidade**. 5 ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002.

MIRANDA, Hermínio C.. **Sobrevivência e Comunicabilidade dos Espíritos**. ed. FEB. Rio de Janeiro. 2002.

NOVAES. Adenáuer. **Reencarnação - Processo Educativo**. Fundação Lar Harmonia. Salvador. 2003

PIRES, Herculano. **Mediunidade**. Allan Kardec. São Paulo. 1992

PIRES, José Herculano. **Curso dinâmico de espiritismo**. PAIDÉIA. São Paulo. 2000.

PIRES, José Herculano. **O espírito e o tempo**. PAIDÉIA. São Paulo. 2009.

PIRES, José Herculano. **Parapsicologia hoje e amanhã**. EDICEL. São Paulo. 2010.

ROHDEN, Huberto. **O Sermão da Montanha**. Martin Claret. São Paulo. 2010.

TORCHI, Christiano. **Espiritismo passo a passo com Kardec**. FEB. Rio de Janeiro. 2009.

XAVIER, Francisco Cândido; VIEIRA, Waldo. **Mecanismos da mediunidade**. Pelo Espírito Andre Luiz. FEB. Rio de Janeiro. 2010.

XAVIER, Francisco Cândido. **O Consolador**. Pelo Espírito Emmanuel. FEB. Rio de Janeiro. 2010.

ZIMMERMANN Zalmino Zimmermann. **Teoria da mediunidade**. ed. Allan Kardec. São Paulo. 2011

ZIMMERMANN, Zalmino. **Espiritismo - Século XXI**. ed. Allan Kardec. São Paulo. 2011.

ZIMMERMANN, Zalmino. **Perispírito**. ed. Allan Kardec. São Paulo. 2011.

Entre outros.